

## **TROPEADAS**

**Maria Ester Vidal**

O sol pintou a campanha de um crepúsculo amarelo  
E o céu olhando de cima a beleza que lhe deu,  
Achou graça deste feito, e sem entender direito  
Assim permaneceu!

E de repente... Um rebuliço,  
De cascos lá na coxilha,  
E o campo que já cochila  
Se alerta com o pedregulho...

É falação, é mugido...  
É estalido de espora  
Parece que está na hora  
De repousar neste chão!

Não é ainda acampamento  
Este entrevero do peão...!  
O entrevero é de emoção  
Que desperta em noite calada,  
E a lua olhando sentada  
Acalenta o alazão...!

Aos poucos tudo se ajeita  
Como se fosse o galpão!

O quero-quero se alerta,  
O boi muge no fundão...  
E o tropeiro já cansado,  
Pega o pelego suado,  
Dá um grito às vezes com o gado  
E se atira pelo chão...

E a trempe aceita fogosa  
A fumaça do carvão!  
E a panela do feijão recém botada no fogo,  
Balançando suas penas, borbulha sua canção...!

E o fogo fica acordado... Dando luz a este instante,  
E a lenha queima, ofegante, e a fumaça de mansinho  
Vai afastar os bichinhos, que vendo novos vizinhos,  
Vêm saudar seus visitantes!

E logo vêm as lembranças... De casa... De seus encantos...  
E Deus postado nos cantos, ouve atento a oração:  
Agradecendo o piazito, que brinca meio solito  
Em rebuliço com o cão!  
E dentro de si vagueia, tropeando essa solidão...  
A prenda que passeia no compasso do coração!

Com rosto desfigurado, do seu lado... Vê o violão,  
Mexe-se meio guasquiado, toma mais um chimarrão,  
No seu pelego sentado, dedilha sua canção...!

É um momento de amor este tropeiro acampado,  
Este prosear milongueado  
Que vem com certa aspereza... E aí...  
Aí... –Chega doer a beleza,  
Ao se abraçar com a tristeza,  
Olhando o fogo de chão...

E aos poucos... Tudo se ajeita,  
Como se fosse o galpão!